



UNIVERSIDADE
FEDERAL
DE PERNAMBUCO



O uso de livros didáticos no desenvolvimento de Literacia Financeira: desafios e potenciais no sistema educacional brasileiro

*The use of textbooks in the development of Financial Literacy: challenges and
potential in the brazilian educational system*

Hudmaira Stéfani Mehler Martins

Mestra em Controladoria e Contabilidade
Universidade de São Paulo – São Paulo – Brasil
hudmairamartins@hotmail.com
<https://orcid.org/0009-0006-3577-0197>

Cláudio de Souza Miranda

Doutor em Controladoria e Contabilidade
Universidade de São Paulo – São Paulo – Brasil
csmiranda@usp.br
<https://orcid.org/0000-0001-7511-1416>

João Paulo Resende de Lima

Doutor em Controladoria e Contabilidade
University of Glasgow Adam Smith Business School – Glasgow – Escócia
joaopaulo.lima@glasgow.ac.uk
<https://orcid.org/0000-0002-4703-2603>

Resumo

Com o reconhecimento do baixo nível de letramento financeiro dos estudantes e o alto índice de inadimplência no país, a pesquisa analisa como os livros didáticos estão sendo usados para esse fim e a aceitação do seu uso no sistema educacional. O objetivo geral desta pesquisa é analisar, sob a perspectiva de professores formadores e promotores de Educação Financeira, como os livros didáticos contribuem ou limitam o desenvolvimento da Literacia Financeira, em comparação à produção de materiais próprios, considerando a contextualização dos conteúdos, a formação docente e o uso de metodologias ativas. A metodologia da pesquisa é qualitativa, tendo sido realizadas entrevistas semiestruturadas com os dois grupos de professores: professores que lecionam nos cursos de formação de professores de matemática (licenciatura e/ou bacharelado) e professores promotores de Educação Financeira. Os resultados indicaram que os livros didáticos são considerados pelos professores entrevistados como recursos úteis e bons direcionadores para o ensino de Educação Financeira. No entanto, seu uso exclusivo é considerado insuficiente. Para

que a aprendizagem seja efetiva, contextualizada, crítica e significativa e esteja em consonância com os princípios da BNCC (Base Nacional Comum Curricular) é necessário que esses materiais sejam complementados por metodologias ativas, que promovam a transversalidade e dialoguem com a realidade dos estudantes. Nesse processo, destaca-se o papel essencial do professor, cuja atuação depende diretamente de sua formação, prática e sensibilidade em adaptar os conteúdos às vivências dos alunos. Essa constatação evidencia a urgência de políticas públicas que assegurem investimentos contínuos na formação docente, tanto inicial quanto continuada.

Palavras-Chave: Literacia Financeira; Educação Financeira; livros didáticos; metodologias ativas; formação docente.

Abstract

With the recognition of the low level of Financial Literacy among students and the high rate of default in the country, this research examines how textbooks are being used for this purpose and how their use is perceived within the educational system. The primary objective of this study is to analyze, from the perspective of teacher educators and Financial Education promoters, how textbooks contribute to or limit the development of Financial Literacy, in comparison to the production of teacher-created materials, considering content contextualization, teacher training, and the use of active methodologies. The research employs a qualitative methodology, with semi-structured interviews conducted with two groups of teachers: those who teach mathematics teacher training courses (both licensure and/or bachelor's programs) and teachers who promote Financial Education. The results indicated that textbooks are considered by the interviewed teachers to be useful resources and effective guides for teaching Financial Education. However, their exclusive use is regarded as insufficient. For learning to be effective, contextualized, critical, and meaningful — and aligned with the principles of the BNCC (Brazilian National Common Curricular Base) — these materials must be supplemented by active methodologies that foster cross-curricular integration and engage with students' real-life contexts. In this process, the essential role of the teacher stands out, as their effectiveness depends directly on their professional training, teaching practice, and sensitivity in adapting content to students' lived experiences. This finding highlights the urgent need for public policies that ensure continuous investment in both initial and ongoing teacher education.

Keywords: Financial Literacy; Financial Education; textbooks; active methodologies; teacher education.

INTRODUÇÃO

No Brasil, a Educação Financeira passa a ser considerada um tema contemporâneo a ser trabalhado nas escolas de forma transversal e integradora, a partir da homologação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) em dezembro de 2017. Pesquisar sobre a oferta de conteúdos de Educação Financeira por meio de livros didáticos, sua utilização e aceitação no sistema educacional brasileiro torna-se necessário, tendo em vista os resultados que têm sido divulgados acerca do baixo nível de proficiência em letramento

financeiro dos estudantes, e alto nível de inadimplência dos brasileiros (CAMPOS; SILVA, 2014).

Nesse sentido, educar financeiramente as crianças durante os anos escolares, com conteúdos que considerem o contexto em que estão inseridas, sendo motivadas e influenciadas positivamente em seu seio familiar, e ensinadas por professores capacitados, poderia promover o desenvolvimento da Literacia Financeira. E no futuro, enquanto cidadãos economicamente ativos, estariam aptos a tomarem decisões mais acertadas sobre suas finanças, beneficiando não somente a si, como também promovendo melhoria na economia como um todo (SCAPIN; KAMPHORST, 2012; LUSARDI; MITCHELL, 2014; FERREIRA, 2017; CORDEIRO; MAIA; SILVA, 2018).

Diante do contexto apresentado, o objetivo geral desta pesquisa é analisar, sob a perspectiva de professores formadores e promotores de Educação Financeira, como os livros didáticos contribuem ou limitam o desenvolvimento da Literacia Financeira, em comparação à produção de materiais próprios, considerando a contextualização dos conteúdos, a formação docente e o uso de metodologias ativas. Sendo assim, este artigo busca responder o seguinte problema de pesquisa: Como estes professores percebem o uso dos livros didáticos em comparação à produção de materiais próprios, voltados ao desenvolvimento da Literacia Financeira? Em relação à metodologia utilizada, trata-se de uma pesquisa qualitativa, na qual foi utilizada como técnica de pesquisa a realização de entrevistas semiestruturadas com dois grupos de entrevistados, tendo sido designados como: Grupo 1 - professores que lecionam nos cursos de formação de professores de matemática (licenciatura e/ou bacharelado) e Grupo 2 - professores promotores de Educação Financeira.

Esta pesquisa destaca a discussão sobre o uso de livros didáticos ou a produção de materiais próprios no que se refere à promoção de uma aprendizagem contextualizada, crítica e significativa, voltada ao desenvolvimento da Literacia Financeira. Espera-se que a integração da Educação Financeira nas escolas possibilite aos estudantes aprender de forma mais eficaz como gerir seu dinheiro nas relações de consumo. Quanto aos aspectos econômicos, tende a propiciar melhoria nos índices de endividamento e inadimplência, resultando no funcionamento mais efetivo da economia, impactando positivamente na sociedade de forma geral.

Por fim, pode atender à demanda escolar no aproveitamento dos livros didáticos, de forma a influenciar na melhoria do ensino de Educação Financeira nas escolas. A partir desta contextualização, o próximo tópico apresentará o levantamento bibliográfico que respalda esta pesquisa, apresentando como a Educação Financeira vem sendo trabalhada nos livros didáticos.

EDUCAÇÃO FINANCEIRA NOS LIVROS DIDÁTICOS

Os livros didáticos apresentam um papel importante no processo educacional. Por isso, a escolha deve ser feita de forma cuidadosa e criteriosa, tendo em vista que esse material tem como objetivo auxiliar o professor no processo de ensino-aprendizagem e não

tornar-se exclusivo dentro desse processo (BIEHL; BAYER, 2009; CORDEIRO; COSTA; SILVA, 2018). Neste contexto de análise, escolha e qualidade dos materiais, apresenta-se o Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) cujo intuito é avaliar e disponibilizar às escolas públicas, de forma regular e gratuita, livros didáticos, pedagógicos e literários, além de outros materiais de apoio à prática educativa (BRASIL, s.d.).

De acordo com Lajolo (1996) o livro didático possui papel importante no sistema de ensino brasileiro, tendo em vista que ele determina os conteúdos e as estratégias de ensino que são utilizadas em sala de aula. Para Santos e Pessoa (2019) é importante que os manuais dos professores dos livros didáticos orientem o trabalho dos professores, abordando temáticas que proporcionem discussões críticas e reflexivas que poderão auxiliar na formação dos estudantes.

Tendo em vista a influência dos livros didáticos no sistema educacional, alguns autores têm publicado trabalhos nos quais analisam coleções disponibilizadas tanto pelo PNLD, quanto os livros elaborados pela ENEF (Estratégia Nacional de Educação Financeira), para utilização no ensino de Educação Financeira.

Cordeiro, Costa e Silva (2018) analisaram três livros aprovados pelo PNLD, com validade de 2015 a 2017, utilizados no Ensino Médio em uma escola da rede estadual do Ceará. Verificaram em quantidade e qualidade os conteúdos abordados de matemática e Educação Financeira apresentados nos livros. Como resultado, verificou-se que somente

o terceiro volume abordou Educação Financeira, cujo conteúdo estava concentrado exclusivamente em um único capítulo. Apesar disso, notou-se a diversidade nos exemplos, exercícios resolvidos, ilustrações que trazem situações do cotidiano e exercícios voltados para vestibulares. Contudo, os autores concluem que os livros didáticos precisam melhorar no quesito de oferecer suporte às práticas docentes.

Dias e Gaban (2019) analisaram como a Educação Financeira aparece em seis coleções de livros de matemática do Ensino Médio aprovados no PNLD 2015, à luz dos ambientes de aprendizagem sugeridos por Ole Skovsmose. Os autores verificaram que a maioria dos livros concentram as atividades que envolvem Educação Financeira em capítulos específicos e destinados ao tema, não possibilitando a abordagem de forma transversal. Somente duas, de seis coleções distribuem a temática ao longo dos capítulos. Além disso, a maioria dos livros apresenta atividades voltadas ao ensino de matemática financeira, utilizando de conceitos matemáticos e exercícios que não abordam totalmente a realidade dos alunos.

Santos e Pessoa (2019) analisaram quarenta coleções de livros dos anos iniciais do Ensino Fundamental, incluindo os manuais dos professores, aprovados no PNLD 2016, à luz da matemática crítica. Apesar de encontrarem vinte e três sugestões que vão além das atividades propostas nos livros didáticos dos alunos, as autoras destacam a necessidade de ampliação de tais sugestões oferecidas ao professor, visando engrandecimento das discussões, para além do que foi proposto no livro didático.

Silva e Selva (2019) analisaram os livros do Ensino Médio desenvolvidos pela ENEF, com intuito de identificar as relações entre os ambientes de aprendizagem apresentados nos livros dos alunos, com os livros do professor. As autoras concluíram que, apesar de o material não ser direcionado a uma disciplina específica, podendo ser trabalhado de forma transversal, conforme sugerido pela BNCC, ainda assim, os livros do professor deixam de apresentar orientações que visam potencializar os ambientes de aprendizagem das atividades propostas nos livros do aluno. Por fim, também abordaram a importância da formação continuada para os professores, em especial no que tange a Educação Financeira, a fim de enriquecer as atividades propostas nos livros, proporcionando atividades que reforcem práticas reflexivas por parte dos alunos.

Livramento, Pessoa e Santos (2021) analisaram uma coleção de livros didáticos de matemática dos anos iniciais do Ensino Fundamental, aprovados pelo PNLD 2019,

após inclusão da Educação Financeira como temática pela BNCC. A mesma coleção foi anteriormente analisada por Santos (2017) antes da promulgação da BNCC. Como conclusão, verificou-se que houve um aumento em relação à quantidade de atividades disponíveis no material, porém as que estavam disponíveis apresentaram pouca diversidade de temáticas, além da necessidade de observar o manual do professor para desenvolver atividades mais reflexivas.

Conforme exposto, foi verificado um panorama sobre o papel fundamental dos livros didáticos no processo de ensino-aprendizagem, destacando sua influência direta na formação dos alunos, especialmente em áreas como a Educação Financeira. A análise desses estudos mostra que, embora os livros didáticos aprovados pelo PNLD apresentem conteúdos de Educação Financeira, muitas vezes, essas abordagens se concentram em capítulos isolados ou atividades que não consideram completamente a realidade dos estudantes, além de não promoverem a transversalidade necessária.

Tal fato alinha com as observações de Santos e Pessoa (2019), que enfatizam a necessidade de uma interação mais dinâmica entre professor, aluno e material didático, para promover uma aprendizagem mais reflexiva e crítica: “por mais bem pensado e intencionado que seja o livro didático, não se pode delegar a ele todos os poderes” (SANTOS; PESSOA, 2019, p. 77). Nesse sentido, as autoras consideram importante a tríade professor-aluno-livro, de forma a tornar a aprendizagem mais participativa e envolvente, modificando o aspecto de como a atividade pode ser abordada, propiciando uma educação mais ampla, crítica e cidadã.

O tópico a seguir detalhará o método adotado para explorar a percepção de dois grupos de professores sobre o uso dos livros didáticos na prática pedagógica.

METODOLOGIA

A fim de responder o problema de pesquisa foram realizadas entrevistas semiestruturadas, cujos roteiros foram elaborados com base na literatura levantada. Tais roteiros continham questões pré-determinadas, que foram estruturadas de acordo com dois grupos de entrevistados: professores que lecionam nos cursos de formação de professores de matemática (licenciatura e/ou bacharelado); e professores promotores de Educação Financeira.

A seleção dos perfis do Grupo 1: professores que lecionam nos cursos de formação de professores de matemática (licenciatura e/ou bacharelado) foi realizada por meio da análise dos Currículos Lattes e das publicações relacionadas ao tema da Educação Financeira. Os docentes selecionados atuam em instituições de ensino superior, tanto públicas quanto privadas.

Para compor o Grupo 2: professores promotores de Educação Financeira, foram convidados alguns vencedores de um concurso voltado ao tema. Após a seleção inicial, também foi realizada uma análise dos respectivos Currículos Lattes. Este grupo é composto por docentes de universidades públicas e professores da educação básica (Ensino Fundamental e Médio), todos envolvidos em projetos de Educação Financeira voltados para crianças e jovens. Destaca-se, ainda, a participação de uma professora responsável pela implantação de políticas públicas de ensino de Educação Financeira na rede estadual de Goiás.

O recrutamento dos entrevistados ocorreu de forma eletrônica, com envio da proposta de pesquisa e convite para participação da entrevista para o *e-mail* que estava disponível na *internet*, ou que foi disponibilizado pela pessoa. O critério de inclusão se deu mediante a disponibilidade e aceite do participante que foi selecionado com base nos parâmetros propostos anteriormente. Já o critério de exclusão se deu em caso de resposta negativa por parte do convidado em participar da entrevista, ou em caso de não obtenção de resposta do *e-mail* convite enviado pela pesquisadora ao convidado.

Para compor o grupo de professores que lecionam nos cursos de formação de professores de matemática (licenciatura e/ou bacharelado) foram convidados treze participantes, sendo que cinco aceitaram. Do grupo de professores promotores de Educação Financeira, todos os cinco convidados aceitaram participar da entrevista.

No total, dos dezoito convidados, oito declinaram de sua participação na pesquisa, resultando cinco entrevistados em cada grupo. Todos os entrevistados receberam antecipadamente, por *e-mail* o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), o qual leram, aceitaram e assinaram de forma virtual. As entrevistas foram realizadas de forma eletrônica, no período de 04 de março a 01 de abril de 2022, utilizando-se a plataforma Zoom, e tiveram duração média de aproximadamente uma hora. Cada participante foi entrevistado individualmente e apenas uma vez, e não se buscou outros entrevistados porque as respostas coletadas foram suficientes para responder às perguntas

propostas. Inclusive, dentre os dez entrevistados houve repetição de conteúdos nas respostas, com isso verificou-se que não seria necessário realizar mais nenhuma entrevista. As entrevistas foram transcritas utilizando o *Transkriptor*, e posteriormente as transcrições foram revisadas pelos pesquisadores antes da análise dos resultados.

Todos os procedimentos adotados para a execução da pesquisa foram aprovados em 25 de fevereiro de 2022 pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (FFCLRP/USP) sob CAAE 53414121.0.0000.5407.

O Quadro 1 apresenta os códigos utilizados para se referir aos participantes desta pesquisa, a fim de garantir o anonimato.

Quadro 1 - Grupo x Entrevistados(as)

Grupo	Entrevistados(as)
1	A, B, C, D e E
2	F, G, H, I e J

Fonte: Elaborado pelos autores

A seguir são apresentadas as análises das entrevistas realizadas aos dois grupos de entrevistados.

ANÁLISE DAS ENTREVISTAS E DISCUSSÕES

Neste tópico, propõe-se analisar, a partir da perspectiva dos entrevistados, de que forma os professores trabalham os materiais disponíveis no ensino de Educação Financeira. Além disso, busca-se compreender quais metodologias têm sido incorporadas às práticas pedagógicas e em que medida a utilização desses materiais contribui para uma aprendizagem crítica, contextualizada e alinhada às diretrizes da BNCC, conforme sugerido na literatura apresentada.

Para tanto, os entrevistados foram indagados sobre quatro questões, apresentadas a seguir:

1. De acordo com pesquisas realizadas, os livros didáticos escolares apresentam conteúdos de Educação Financeira mais voltados à aplicação de fórmulas. Em sua opinião, isso dificulta ou facilita o trabalho do professor ao lecionar o conteúdo?
2. De que forma ter um livro didático como apoio pode dificultar o trabalho do professor?

3. De que maneira o professor é beneficiado ao utilizar um livro com conteúdo “pronto” (seja da ENEF ou de alguma outra coleção disponível no mercado)?
4. O processo de ensino-aprendizagem seria mais produtivo se o próprio professor desenvolvesse seu material, com base em seu conhecimento e em materiais complementares?

Em relação à primeira pergunta: “De acordo com pesquisas realizadas, os livros didáticos escolares apresentam conteúdos de Educação Financeira mais voltados à aplicação de fórmulas. Em sua opinião, isso dificulta ou facilita o trabalho do professor ao lecionar o conteúdo?”, os entrevistados expressam percepções críticas, porém construtivas, em relação aos livros didáticos de Educação Financeira, os quais focaram na coleção de livros produzidos pela ENEF.

Entrevistado B do Grupo 1: Mesmo sem conhecimento aprofundado dos livros da ENEF, já leu o material e acredita que há conteúdos que podem gerar contribuições positivas. No entanto, entende que não devem ser utilizados de forma exclusiva, pois há outras possibilidades de trabalho que extrapolam o conteúdo do livro.

Entrevistado D do Grupo 1: Possui críticas à visão de Educação Financeira apresentada pela ENEF, OCDE e MEC, mas reconhece pontos positivos nos livros da ENEF, que trazem exemplos e temáticas que, se bem contextualizadas, podem gerar boas discussões.

Entrevistada G do Grupo 2: Considera os livros da ENEF uma boa iniciativa, apesar das restrições, especialmente por não se adequarem a todos os contextos sociais.

Entrevistada I do Grupo 2: Aponta que o material da ENEF tem falhas, tais como, ser voltado a um estrato social específico, sem maleabilidade suficiente para adaptação em regiões mais simples e remotas.

Entrevistada J do Grupo 2: Avalia o material da ENEF como bom, porém, requer cuidados. Aponta que a falta de Educação Financeira na formação inicial dificulta tanto a vida profissional quanto pessoal dos professores.

No Grupo 1, os entrevistados B e D reconhecem aspectos positivos no material, como a presença de conteúdos relevantes e exemplos contextualizáveis, embora defendam que seu uso não deve ser exclusivo, dado o potencial de abordagens complementares que vão além do conteúdo impresso. Já no Grupo 2, as entrevistadas G, I e J também valorizam a proposta da ENEF, destacando-a como uma iniciativa relevante,

porém limitada em sua capacidade de atender à diversidade de contextos escolares brasileiros. Apontam falhas relacionadas à adequação sociocultural do material, à sua maleabilidade e à necessidade de formação docente para lidar criticamente com os conteúdos. O conjunto das falas reforça a importância de uma abordagem crítica e contextualizada da Educação Financeira, bem como da formação inicial e continuada dos professores.

A segunda questão levanta o seguinte fato: “De que forma ter um livro didático como apoio pode dificultar o trabalho do professor?”, as respostas dos entrevistados evidenciam uma visão crítica sobre a utilização exclusiva de livros didáticos na abordagem da Educação Financeira.

Entrevistado A do Grupo 1: Destaca que escolher um livro exige tempo e análise. Acredita que os livros não abrangem toda a diversidade cultural e social dos alunos, e que o professor precisa complementar o conteúdo com materiais próprios.

Entrevistado B do Grupo 1: Critica a dependência de materiais e afirma que os professores devem atuar criticamente sobre estes, conforme suas crenças e concepções. Ressalta que, se o livro não for adequado, deve ser substituído.

Entrevistado E do Grupo 1: Critica o monopólio das grandes editoras e aponta que o uso de planos de aula pode ser uma alternativa mais eficaz e contextualizada.

Entrevistada I do Grupo 2: Aponta que o maior desafio não é o material didático, mas a preparação dos professores para lidar com o conteúdo de forma crítica e ética.

Entrevistada J do Grupo 2: Destaca que nenhum material é adaptado a todas as realidades. Se não houver adaptação à realidade local, o conteúdo se torna desinteressante.

No Grupo 1, os entrevistados A, B e E ressaltam limitações estruturais dos materiais didáticos, como a dificuldade de contemplar a diversidade sociocultural dos alunos e a hegemonia das grandes editoras. Defendem que os professores devem analisar criticamente os conteúdos disponíveis, podendo substituí-los ou complementá-los com materiais próprios ou planos de aula contextualizados. No Grupo 2, as entrevistadas I e J reforçam que a adaptação do material à realidade dos estudantes é indispensável para que o ensino seja significativo. Ambas apontam a formação docente como fator crucial, destacando que a eficácia da prática pedagógica depende menos do material em si e mais

da capacidade do professor de interpretá-lo e adequá-lo de forma crítica e ética ao contexto local.

A terceira pergunta feita aos entrevistados foi: “De que maneira o professor é beneficiado ao utilizar um livro com conteúdo “pronto” (seja da ENEF ou de alguma outra coleção disponível no mercado)?”. As falas dos entrevistados revelam um consenso quanto à relevância dos materiais didáticos, especialmente os produzidos pela ENEF, como apoio fundamental no processo de ensino-aprendizagem da Educação Financeira, porém sendo necessária a complementação do conteúdo por parte do professor.

Entrevistado A do Grupo 1: Considera o material necessário como base, mas destaca que o enriquecimento depende do professor, que deve trazer a realidade dos alunos para a sala.

Entrevistado D do Grupo 1: Reforça que os livros da ENEF são uma importante fonte de pesquisa, pois estão disponíveis gratuitamente e cobrem todos os níveis de ensino.

Entrevistada C do Grupo 1: Acredita que um livro com atividades práticas seria interessante, desde que não impeça o desenvolvimento de outros projetos.

Entrevistada F do Grupo 2: Defende o uso dos livros da ENEF como referência, especialmente para professores que não foram educados financeiramente. Reforça a importância de ter um guia estruturado.

Entrevistada H do Grupo 2: Considera imprescindível ter um material de apoio, já que o tema é novo e muitos professores se sentem inseguros sem esse suporte.

O entrevistado A do Grupo 1 considera tais materiais necessários como ponto de partida, mas ressalta que seu potencial só é plenamente alcançado quando o professor atua como mediador, enriquecendo os conteúdos a partir das vivências e realidades dos alunos. De modo semelhante, o entrevistado D do Grupo 1 reconhece os livros da ENEF como fontes valiosas de consulta, destacando sua abrangência e acessibilidade, uma vez que contemplam todos os níveis de ensino e estão disponíveis gratuitamente.

A entrevistada C do Grupo 1 aponta que um livro com atividades práticas seria um recurso interessante, desde que não limite a autonomia pedagógica nem impeça a realização de outros projetos escolares. No Grupo 2, a entrevistada F defende o uso dos livros da ENEF como referência segura, sobretudo para docentes que não tiveram formação em Educação Financeira, enfatizando a importância de contar com um material

estruturado como guia. Complementarmente, a entrevistada H do Grupo 2 afirma que, diante da novidade do tema, muitos professores sentem-se inseguros, tornando imprescindível a presença de um material de apoio para garantir segurança e qualidade ao processo educativo.

Assim, os relatos sugerem que os materiais didáticos, embora não sejam suficientes por si sós, exercem papel importante como base para o planejamento pedagógico. A atuação crítica e contextualizada do professor continua sendo o elemento-chave para a efetividade do ensino de Educação Financeira nas escolas.

Já em relação à quarta e última pergunta: “O processo de ensino-aprendizagem seria mais produtivo se o próprio professor desenvolvesse seu material, com base em seu conhecimento e em materiais complementares?”, as respostas de ambos os grupos evidenciam uma perspectiva convergente sobre a necessidade de adaptação dos materiais didáticos de Educação Financeira à realidade dos alunos.

Entrevistado A do Grupo 1: Defende que o professor deve desenvolver materiais próprios que tragam a vivência dos alunos para a aula.

Entrevistado B do Grupo 1: Acredita que o professor deve ter liberdade crítica para selecionar e/ou desenvolver o material conforme suas crenças e contexto.

Entrevistado D do Grupo 1: Concorde que os materiais devem ser adaptados à realidade local e que cabe ao professor fazer essa mediação.

Entrevistado E do Grupo 1: Sugere o uso de planos de aula desenvolvidos por professores, como alternativa aos livros didáticos das grandes editoras.

Entrevistada G do Grupo 2: Defende que, com uma base sólida, qualquer conteúdo pode ser adaptado pelo professor, mas reconhece a necessidade de incentivos e políticas públicas para viabilizar isso.

Entrevistada I do Grupo 2: Aponta a importância de preparar o professor para adaptar o material, evitando que ele imponha visões pessoais sobre o dinheiro.

Entrevistada J do Grupo 2: Reforça que o professor precisa ter formação e tempo para adaptar o conteúdo à realidade dos alunos, tornando o processo mais eficaz.

Entrevistada H do Grupo 2: Conclui que a qualidade da adaptação do material depende da trajetória e da maturidade metodológica do professor.

Os professores do Grupo 1 destacam a importância da produção de materiais próprios (Entrevistado A do Grupo 1), da liberdade crítica para seleção de conteúdos

(Entrevistado B do Grupo 1) e da mediação docente para contextualização local (Entrevistado D do Grupo 1). Também é sugerido o uso de planos de aula desenvolvidos por professores como alternativa aos livros das grandes editoras (Entrevistado E do Grupo 1). No Grupo 2, as falas reforçam que, embora qualquer material possa ser adaptado por um professor com base sólida (Entrevistada G do Grupo 2), isso requer formação específica, incentivos e políticas públicas adequadas. A necessidade de preparo para evitar a imposição de visões pessoais sobre o dinheiro (Entrevistada I do Grupo 2), o papel da formação e do tempo para adequação dos conteúdos (Entrevistada J do Grupo 2), bem como a influência da trajetória e da maturidade metodológica na qualidade da adaptação (Entrevistada H do Grupo 2) são pontos enfatizados. Assim, a atuação docente é central na efetivação de uma Educação Financeira crítica, contextualizada e significativa.

A análise das entrevistas realizadas com professores revela percepções diversas, mas complementares, sobre o uso dos livros didáticos no ensino de Educação Financeira. De modo geral, os relatos apontam que, embora esses materiais desempenhem um papel importante no processo de ensino-aprendizagem, seu uso exclusivo é considerado insuficiente para garantir uma aprendizagem crítica, contextualizada e significativa.

Em relação ao conteúdo dos livros didáticos, especialmente aqueles voltados à aplicação de fórmulas, os professores demonstram receios quanto à limitação desse enfoque. Ainda que alguns entrevistados, como os dos Grupos 1 e 2, reconheçam aspectos positivos nos livros da ENEF, especialmente no que se refere à sua disponibilidade e estrutura organizada, a maioria concorda que tais materiais não contemplam a diversidade social, cultural e econômica dos estudantes brasileiros. Para alguns docentes, os livros da ENEF são úteis como ponto de partida, mas não substituem o olhar crítico e contextualizado do professor, que deve ir além da abordagem técnica da matemática financeira.

Ao refletirem sobre os possíveis entraves do uso de livros didáticos como recurso de apoio, os entrevistados destacam a necessidade de análise criteriosa desses materiais e alertam para a dependência excessiva de conteúdos prontos. O fato de muitos livros não dialogarem com a realidade local pode gerar desinteresse por parte dos alunos e limitar o potencial formativo da Educação Financeira. Além disso, críticas à elaboração dos próprios materiais da ENEF foram levantadas, especialmente no que diz respeito à

ausência de participação efetiva das universidades no processo de construção e à inadequação de certos conteúdos para contextos periféricos ou rurais.

Apesar das limitações apontadas, os professores também reconhecem benefícios na utilização de materiais didáticos consolidados, como os da ENEF. Eles servem como fonte de consulta, especialmente para docentes que não tiveram formação específica em Educação Financeira durante sua graduação. A presença de livros com conteúdos organizados e estruturados pedagogicamente oferece segurança e orientação, principalmente em se tratando de um tema considerado novo no ambiente escolar. Nesse aspecto, a transversalidade proposta nos livros da ENEF, quando bem conduzida, pode favorecer o desenvolvimento de competências ligadas à cidadania financeira.

No entanto, a maioria dos entrevistados enfatiza que o ensino de Educação Financeira seria mais produtivo se o professor tivesse condições de elaborar ou adaptar seus próprios materiais, articulando seu conhecimento com recursos complementares. Tal proposição, entretanto, esbarra em desafios estruturais, como falta de tempo, formação continuada insuficiente e ausência de incentivos institucionais. A construção de materiais próprios requer uma formação sólida, além de espaço para reflexão pedagógica e desenvolvimento de práticas contextualizadas. Os entrevistados convergem na ideia de que a atuação docente precisa ser respaldada por políticas públicas que garantam investimentos contínuos na formação inicial e continuada, além de melhores condições de trabalho.

Dessa forma, os livros didáticos de Educação Financeira, embora representem um suporte relevante ao professor, não devem ser tomados como instrumentos exclusivos ou prescritivos. Seu uso precisa ser mediado por uma postura crítica e por uma formação que permita ao docente exercer a autonomia pedagógica necessária para adaptar os conteúdos à realidade dos alunos. Em última instância, o papel central do professor como mediador do conhecimento e como agente transformador da prática educativa permanece indispensável para a efetiva implementação da Educação Financeira nas escolas.

A seguir, serão apresentadas as considerações finais deste estudo, com base nos dados e discussões abordadas ao longo da pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo geral analisar, sob a perspectiva de professores formadores e promotores de Educação Financeira, como os livros didáticos contribuem ou limitam o desenvolvimento da Literacia Financeira, em comparação à produção de materiais próprios, considerando a contextualização dos conteúdos, a formação docente e o uso de metodologias ativas. Para cumprir com os objetivos estipulados foi desenvolvida uma pesquisa qualitativa, com a realização de entrevistas semiestruturadas com dois grupos de entrevistados: professores que lecionam nos cursos de formação de professores de matemática (licenciatura e/ou bacharelado) e professores promotores de Educação Financeira.

De forma geral, verificou-se que os entrevistados concordam que os livros didáticos sejam bons direcionadores, porém, concordam também que o material não deva ser utilizado de forma exclusiva, pois há vários formatos de trabalho que abrangem a Educação Financeira que vão além do conteúdo apresentado no livro, buscando inclusive trabalhar tal conteúdo de forma transversal, conforme proposto pela BNCC. Porém, para isso é necessário que o professor tenha formação, conhecimento e práticas pedagógicas que possam contribuir de forma mais ativa na formação do aluno enquanto cidadão (FERREIRA; SILVA, 2018).

Nesse sentido, é perceptível o papel fundamental do professor na formação do aluno, pois é ele quem dá o enriquecimento do material, buscando sempre que possível, a transversalidade, o contexto no qual a escola está inserida, a realidade, a vivência dos alunos e o conhecimento que já possuem, fazendo com que a Educação Financeira faça sentido para os alunos. Porém, a questão da maturidade metodológica do professor vai depender de sua formação, seu conhecimento e sua trajetória, sendo necessário a revisão de políticas públicas que propiciem investimento no processo de formação do professor

O trabalho apresenta algumas limitações, expostas a seguir. Não fizeram parte da pesquisa os coordenadores pedagógicos das escolas, apesar de serem de fundamental importância quando apresentada a questão da transversalidade do currículo, pois são eles responsáveis pelo encabeçamento de projetos para que a transversalidade se torne realidade. Outra limitação, foi a dependência do aceite dos entrevistados para que a pesquisa pudesse ser executada, além da limitação em relação à forma que estes foram selecionados, levando em consideração critérios pré-estabelecidos.

As limitações apresentadas no trabalho podem servir como sugestões de pesquisas futuras. Sugere-se incluir no rol de entrevistados os docentes pedagogos sem formação específica em matemática e os coordenadores pedagógicos das escolas. Acrescentar alguma técnica de pesquisa quantitativa, além da qualitativa, já apresentada. Por fim, investigar como tem ocorrido a formação continuada dos professores no que diz respeito à Educação Financeira, verificando se estão se atualizando sobre o tema, com que frequência, quais tipos de formação têm buscado, entre outros aspectos pertinentes.

REFERÊNCIAS

BIEHL, Juliana Volcanogro; BAYER, Arno. **A escolha do livro didático de matemática**. In: X ENCONTRO GAÚCHO DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA, 2009, Ijuí, RS. Anais [...]. Ijuí: Universidade de Ijuí, 2009. Disponível em: http://www.projetos.unijui.edu.br/matematica/cd_egem/fscommand/CC/CC_43.pdf Acesso em: 20 jan. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação [MEC]. **Programa do Livro**. Disponível em: <https://www.gov.br/fnde/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/programas/programas-do-livro> Acesso em: 12 jan. 2022.

CAMPOS, Marcelo Bergamini; SILVA, Amarildo Melchiades. A produção de significados de estudantes do ensino fundamental para tarefas de educação financeira. **Perspectivas da Educação Matemática**, v. 7, n. 14, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/pedmat/article/view/885> Acesso em: 20 jan. 2022.

CORDEIRO, Nilton José Neves; COSTA, Manoel Guto Vasconcelos; SILVA, Márcio Nascimento. Educação financeira no Brasil: uma perspectiva panorâmica. **Ensino da Matemática em Debate**, v. 5, n. 1, p. 69-84, 2018. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/emd/article/view/36841> Acesso em: 20 jan. 2022.

CORDEIRO, Nilton José Neves; MAIA, Madeline Gurgel Barreto; SILVA, Carina Brunehilde Pinto. O uso de histórias em quadrinhos para o ensino de educação financeira no ciclo de alfabetização. **TANGRAM: Revista de Educação Matemática**, v. 2, n. 1, p. 3-20, 2018. DOI: 10.30612/tangram.v2i1.8668.

DIAS, David Pires; GABAN, Artur Albert. Educação financeira nos livros didáticos de matemática do ensino médio. **TANGRAM: Revista de Educação Matemática**, v. 2, n. 1, p. 67-78, 2019. DOI: 10.30612/tangram.v2i1.8825.

FERREIRA, Juliana Cezario. A importância da educação financeira pessoal para a qualidade de vida. **Caderno de Administração**, v. 11, n. 1, 2017. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/caadm/article/view/33268> Acesso em: 20 jan. 2022.

FERREIRA, Regimar Alves; SILVA, Luciano Duarte. A disciplina de matemática financeira nos cursos de licenciatura em matemática no Brasil: uma análise preliminar. **CoInspiração: Revista dos Professores que ensinam matemática**, v. 1, n. 1, p. 63-77, 2018. Disponível em:

<http://sbemmatogrosso.com.br/publicacoes/index.php/coinspiracao/article/view/11>

Acesso em: 20 jan. 2022.

LAJOLO, Marisa. Livro didático: um (quase) manual de usuário. **Em Aberto**, v. 16, n. 69, p. 3-9, 1996. DOI: 10.24109/2176-6673.emaberto.16i69.2061.

LIVRAMENTO, Beatriz Oliveira; PESSOA, Cristiane Azevêdo dos Santos; SANTOS, Laís Thalita Bezerra. Como livros didáticos de matemática dos anos iniciais estão abordando a educação financeira após a inclusão desta temática na BNCC? **REVEMAT: Revista Eletrônica de Matemática**, v. 16, p. 1-26, 2021.

LUSARDI, Annamaria; MITCHELL, Olivia S. The economic importance of financial literacy: theory and evidence. **Journal of Economic Literature**, v. 52, n. 1, p. 5-44, 2014. DOI: 10.1257/jel.52.1.5.

SANTOS, Laís Thalita Bezerra. **Educação financeira em livros didáticos de matemática dos anos iniciais do ensino fundamental**: quais as atividades sugeridas nos livros dos alunos e as orientações presentes nos manuais dos professores? 2017. 123 f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática e Tecnológica) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/25196> Acesso em: 20 jan. 2022.

SANTOS, Laís Thalita Bezerra; PESSOA, Cristiane Azevêdo dos Santos. Educação financeira: analisando, à luz da educação matemática crítica, sugestões ao professor presentes em livros didáticos de matemática dos anos iniciais do ensino fundamental. **Ensino da Matemática em Debate**, v. 6, n. 3, p. 150-173, 2019. DOI: 10.23925/2358-4122.2019v6i3p134-154.

SCAPIN, Julia; KAMPHORST, Carmo Henrique. **Educação financeira e sua importância no ensino**. In: IV JORNADA NACIONAL DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA; XVII JORNADA REGIONAL DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA, 2012, Passo Fundo, RS. Anais [...]. Passo Fundo: Universidade Federal de Passo Fundo, 2012. Disponível em: <http://anaisjem.upf.br/download/de-228-scapin.pdf> Acesso em: 20 jan. 2022.

SILVA, Ingrid Teixeira; SELVA, Ana Coêlho Vieira. As orientações no livro do professor contribuem para potencializar cenários de investigação na sala de aula? Uma análise do material didático do programa nacional de educação financeira nas escolas—ensino médio à luz da educação matemática crítica. **Revista Brasileira de Educação em Ciências e Educação Matemática**, v. 3, n. 2, p. 333-354, 2019. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/rebecem/article/download/22522/pdf/84711> Acesso em: 20 jan. 2022.

Submetido em 16/01/2025.

Aprovado em 26/04/2025.

Direitos autorais das pessoas autoras, 2025. Licenciado sob Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0). Esta licença permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, mesmo para fins comerciais, desde que lhe atribuam o devido crédito pela criação original. Texto da Licença: <https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

